

## **Revelações do corpo: possibilidades de uma experiência estética.**

JÉSSICA HENCKE

■ 54

Jéssica Hencke é licenciada em Pedagogia pela UERGS e Artes Visuais pela UFRGS. Mestre em Educação e Tecnologias pelo IFsul (Instituto Federal de Educação Sul-rio-grandense Campus Pelotas/RS). Mestre em Artes Visuais pela UFPEL (Universidade Federal de Pelotas). Professora de Artes Visuais na rede estadual e municipal de ensino. Tem experiência na área de Educação, com ênfase em ensino-aprendizagem, investiga os seguintes temas: corpo, artes visuais, currículo, experiência e educação. Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia (GEECAF/FURG).

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1871453612089852>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4734-9122>

## ■ RESUMO

O presente artigo situa-se nos estudos fenomenológicos a partir de Merleau-Ponty e acerca-se de leituras do campo das “filosofias da diferença” atravessado por conceitos como: encontro, diferença, desejo, multiplicidade, experiência e potência provenientes das leituras de Peter Pál Pélbart e Michel Foucault. A presente escrita se propõe a pensar o corpo humano composto por órgãos, cartilagens, ossos e sua carnalidade, amparado nos estudos de Merleau-Ponty (1992, 1994, 2004), cuja intenção é apresentar uma síntese provisória do conceito de “percepção”. Fala-se acerca do processo de formação corporal e da experiência sensível, que se mostra como propulsora à estesia. Acredita-se que o ser humano, em estado anestésico, vive num fluxo automático de ação-reação irrefletida e indiferente aos acontecimentos que modificam o seu meio cultural. Realiza-se algumas aproximações da temática corpo como potência de criação inebriada por fluxos, sensações e excreções, amparado na experiência estética. Neste contexto a estética não é balizada como uma vertente da filosofia que visa explicitar o belo, mas sim, enfoca a experiência que transforma, desestabiliza e produz sensações. Busca-se dirimir a dicotomia corpo e mente, a medida em que se acredita no corpo como um elemento inseparável da sua história.

## ■ PALAVRAS-CHAVE:

Corpo, experiência estética; estesia.

55 ■

## ■ ABSTRACT

This article is located in phenomenological studies by Merleau-Ponty and addresses readings in the field of "philosophies of difference" crossed by concepts such as encounter, difference, desire, multiplicity, experience and power from the readings of Peter Pál Pélbart and Michel Foucault. This writing proposes to think about the human body composed of organs, cartilage, bones and its carnality, supported by the studies of Merleau-Ponty (1992, 1994, 2004), whose intention is to present a provisional synthesis of the concept of "perception". It talks about the process of formation of the body and the sensitive experience, which is shown to promote esthesia. It is believed that the human being, in an anesthetic state, lives in an automatic flow of action-reaction inconsiderate and indifferent to the facts that modify his cultural environment. Some approaches are made to the theme of the body as a creative power drunk with flows, sensations and excretions, supported by aesthetic experience. In this context, aesthetics is not defined as a branch of philosophy that seeks to explain the beautiful. Rather, it focuses on the experience that transforms, destabilizes and produces sensations. The objective is to resolve the dichotomy between body and mind, since the body is believed to be an element inseparable from its history.

## ■ KEYWORDS:

Body, aesthetic experience; esthesia.

## 1. Do corpo

O corpo, em suas múltiplas manifestações, não deixa de ser redescoberto continuamente, ao ser reinventado pela bioquímica, transformado pela experiência genética ou manipulado por habilidosas mãos de cirurgiões plásticos. A cada instante o corpo torna-se visado pela indústria de cosméticos, nutrição, bioestética, academias, aulas de ginástica, pilates, yoga e natação, regimes disciplinares, privação da liberdade, torturas; há toda uma engrenagem técnica que visa transformar a “máquina” corporal num produto de exibição, erotização, medicalização, venda e comercialização, demovendo a humanidade do corpo humano. Outrora, havia problemas com a divisão entre corpo e mente, inteligível e sensível, carne e espírito, racionalismo e empirismo, um efeito da bipolarização do ser (GREINER, 2005).

No racionalismo há uma ênfase excessiva no que se refere a razão, e esta torna-se responsável por promover e organizar as experiências cuja cabeça (considerada o princípio de coesão e conhecimento) é o centro vital que conduz o corpo e o transforma em gente. Por sua vez, o empirismo, enfatiza a experiência, cujo desenvolvimento do saber não provém de um sistema organizador transcendente, mas ocorre perpassado pelas vivências cotidianas, desta forma, não há uma supremacia entre a razão e a emoção, o que há é um corpo que percebe e experimenta o mundo físico que o rodeia.

Cada tentativa de compreensão e reconhecimento do funcionamento corporal traz à tona incógnitas e desafios, visto que o corpo em sua materialidade modifica-se continuamente a cada época, cultura e grupo social. Nesse artigo, não se pretende fazer uma genealogia da história do corpo, sendo esta uma tarefa hercúlea, a intenção é apresentar alguns olhares sobre o corpo, aquele que nos pertence e nos possibilita entrar em contato com as diversas manifestações do mundo a nosso redor e viver experiências com arte e filosofia, permitindo-se atravessar por conceitos das “filosofias da diferença”. “Um corpo não é vazio. Está cheio de outros corpos, pedaços, órgãos, peças, tecidos, rótulas, anéis, tubos, alavancas e foles. Também está cheio de si mesmo: é tudo o que é” (NANCY, 2012, p.43).

As artes, pós anos de 1960, período de mudanças que envolvem a sexualidade, a liberdade de expressão, o direito ao uso do corpo próprio, se apropria do corpo como instrumento de manifestação artística: corpos em pedaços, híbridos, transformados, monstruosos, homossexuais, expõem marcas da idade, rugas e sulcos cravados na carne, põe em evidência o que outrora ficava subsumido em camadas de tecidos, traz à tona o prurido, o asco e a repulsa (SANTAELLA, 2003).

Neste movimento ondulatório de transformações, o corpo, passa a ser concomitantemente explorado, valorizado e banalizado. Não há ambivalência entre carne e espírito, o ser humano é um ser neuronal, sua estrutura corpórea apresenta potencialidades e inteligência. Nesse campo de pensamento Merleau-Ponty apresenta uma visão de um corpo em movimento, que se relaciona e vive experiências imersas no mundo físico, “[...] meu corpo, ele próprio se move, meu movimento se desenvolve. Ele não está na ignorância de si, não é cego para si, ele irradia de um si...” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16) [grifos do autor].

Um si em relação consigo, com outros corpos e com o mundo físico. O dilema é perceber-se ao influenciar e ser influenciado, ao tocar e ser tocado, ao transformar-se e ser transformado, um sistema de trocas. Dentro das artes a pintura é a que mais evidencia o uso do olhar, do visível.

O pintor "emprega seu corpo", diz Valéry. E, de fato, não se percebe como um Espírito poderia pintar. É oferecendo seu corpo ao mundo que o pintor transforma o mundo em pintura. Para compreender essas transsubstanciações, é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão e de movimento. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16).

Ao empregar seu corpo na arte, o pintor, dá a ver o invisível, dá vida a seus anseios, desejos e imaginação, compartilha com outros corpos o que seu corpo vê, sente e vive. A representação do corpo como pintura foi o estilo artístico predominante até o século XIX; no século XXI o corpo torna-se sujeito e objeto da arte, fatores que ocasionaram transformações na percepção do corpo. Marcel Duchamp foi pioneiro em cocriações artísticas. "Em 1921, Marcel Duchamp barbeou seu cabelo na forma de uma estrela, revelando que o artista e sua obra se fundem em uma mesma realidade e que o artista ele mesmo tem uma presença estética" (SANTAELLA, 2003, p. 253). O corpo está em evidência e sua relação com um universo de materialidades: tinta, cadeiras, alimentos, parafina, luzes, fumaça, água, roupas, películas, projeções multimídias, entre outros elementos que se tornam arte e compõem sua corporeidade.

57 ■

## 2. Da percepção sensível

A estética provém da palavra grega *aisthesis* que engloba em seu cerne noções de sensação e sentimentos, relacionados com as atividades físico-corporais. Uma experiência estética envolve transformações singulares, vivenciadas de múltiplas formas por diferentes corpos. Merleau-Ponty (1992) demonstra que o corpo sensível é composto pelo estofado do mundo, a carne, o verbo, o desejo, a linguagem, a história, os acontecimentos e entrelaçamentos geográficos. O substantivo corpo, provém do latim *corpus* e *corporis*, da mesma família dos termos corpulência e incorporar (GREINER, 2005), composto por múltiplos elementos: carne, músculos, sangue, ossos, órgãos, cartilagem, neurônios e sentidos que apreendem o mundo e o transformam.

Essa proposta de pensamento rompe com o significado original da palavra corpo, proveniente da física como um "corpo sólido" visto como uma massa compacta situada no espaço. A filosofia cartesiana herda essa visão "objetal" do corpo como algo extenso, que resguarda e é conduzido por um espírito translúcido, o qual domina as ações corpóreas. Mas, como a filosofia e a ciência se confundem este suporte material adoece, falha, produz ações impulsivas e descontroladas, sofre, reage ao mundo físico, têm febre, alergia, reproduz células cancerígenas, pus, bolhas d'água, parasitas e bactérias, seu sistema de defesa o protege, desafiando

continuamente a medicina contemporânea. Mesmo diante das transformações na área da medicina, da engenharia genética, da bioquímica, o corpo não cessa de nos surpreender.

Merleau-Ponty, inaugura outra forma de pensar o corpo que não pode ser visto de fora. Foucault (2014) amplia o espectro de pensamento ao destacar que não se trata de pensar o corpo como um sistema anátomo-fisiológico influenciado por dispositivos de controle disciplinar, não é apenas uma máquina a ser dissecada, corrompida, esquartejada e sistematizada em órgãos isolados é um corpo próprio, vívido, instrumento de acesso ao mundo. “O corpo pode se tornar falante, pensante, sonhante, imaginante. Sente o tempo todo alguma coisa. Sente tudo o que é corpóreo. Sente as peles e as pedras, os metais, as ervas, as águas e as chamas. Não para de sentir” (NANCY, 2012, p.45).

O corpo e o conhecimento são incidências sensíveis do ser humano e compreendidas como uma obra aberta e inacabada, por sua vez, o corpo configura uma comunicação gestual, cuja interpretação é atribuída pelo espectador. O corpo próprio é um objeto afetivo que produz relações com a cor, a forma, a sonoridade, as texturas, os sabores, os aromas, os olhares, as imagens do mundo, as imagens de outros corpos, mergulhado num mundo sensível desde a mais tenra idade.

■ 58

Através do conceito de percepção, Merleau-Ponty (1994) tentou mostrar que não há uma dicotomia entre empirismo e racionalismo, ou seja, na sensibilidade há uma inteligibilidade, em outras palavras, há razão na sensibilidade e há sensibilidade na razão. O corpo próprio mostra-se como um instrumento humano para desencadear relações, é através do corpo que percebemos e vivenciamos o que acontece a nosso redor, é o local da subjetividade envolta por uma atmosfera geográfica e histórica. O sujeito da percepção existe atravessado pelas relações que ocorrem desde o nascimento entre seu corpo e o mundo, entre as sensações e experiências corporais, nesta perspectiva a história não é uma eterna novidade, tampouco uma repetição ininterrupta, “[...] mas o movimento único que cria formas estáveis e as dissolve” (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 130) [grifos do autor].

O organismo e suas dialéticas monótonas não são portanto estranhos à história e como que inassimiláveis por ela. O homem concretamente considerado não é um psiquismo unido a um organismo, mas este vaivém da existência que ora se deixa ser corporal e ora se dirige aos atos pessoais. (MERLEAU-PONTY, 1994, p. 130).

“O corpo vivo é mais do que uma coisa estendida num espaço visual, e sim todas as relações que suscita e que em certa medida são absolutamente singulares” (GREINER, 2005, p. 101), um corpo vê, pensa, pulsa, geme, treme, transpira, emana fluídos, transforma-se num mecanismo de aprendizagem e experiências estéticas, não é um produto pronto e acabado, vive um *continuum* de transformações. A cultura corporal se constrói na relação individual e coletiva, o dentro e o fora, a emoção e a razão, a ação corpórea e a conceituação (GREINER, 2005), cuja percepção é compreendida como movimento do corpo.

Não há visão sem pensamento, destaca Merleau-Ponty (1992), mas este pensamento está irremediavelmente preso ao que acontece a nosso corpo, se não podemos nos livrar da capacidade de pensar não podemos nos livrar do corpo. A percepção expressa sentidos do mundo que habitamos, aproxima-se da linguagem enquanto forma falante, prática e experiência coletiva. A aprendizagem, não ocorre num fluxo do simples ao complexo, da parte ao todo, visto que estamos imersos no mundo e junto a ele construímos nossos saberes.

A percepção refere-se a uma vivência provisória, uma forma de apreensão do mundo através de nossos sentidos, ocorre no movimento, no processo de vivência e criação de novas situações, o movimento e o sentir são indispensáveis à percepção (MERLEAU-PONTY, 1994).

Perceber é aprender a viver inebriado pelos sentidos que compõe este corpo que é mente, sensação, vibração, excrementos e potencializa a sinestesia. De forma contrária, o pensamento cartesiano e o positivismo deslocam a razão da emoção e concebem uma mente sem corpo, uma massa informe que pensa, um cérebro que projeta o que se deve ver, ouvir, sentir e viver. A percepção emerge do corpo, é na carne que se produz os acontecimentos perceptivos. Entende-se por carne uma visão ampliada do corpo: a palavra, os desejos, a história, os espaços de encontro.

59 ■

A carne não é matéria no sentido de corpúsculos de ser que se adicionariam ou se continuariam para formar os seres. O visível (as coisas com o meu corpo) também não é não sei que material psíquico que seria, só Deus sabe como, levado ao ser por coisas que existem como fato e agem sobre meu corpo de fato. De modo geral, ele não é nem soma de fatos materiais ou espirituais... A carne não é matéria, não é espírito, não é substância. Seria preciso, para designá-la, o velho termo elemento, no sentido em que era empregado para falar-se da água, do ar, da terra e do fogo, isto é, no sentido de uma coisa geral, meio caminho entre o indivíduo espaço-temporal e a idéia (sic.), espécie de princípio encarnado que importa um estilo de ser em todos os lugares onde se encontra uma parcela sua. (MERLEAU-PONTY, 1992, p. 135-136).

A ideia de carne amplia a noção de corpo, uma substância que faz parte das coisas do mundo, envolve-se, constrói relações e vive experiências. O corpo-carne inclui outras dimensões do simbólico, dos desejos, da linguagem, o ser da indivisão que se desenvolve através do sensível, do conhecimento e das experiências. Neste ínterim, o ser não pode ser subsumido a índices científicos, cálculos físicos, reações químicas, o corpo surge como uma possibilidade de percepção de si, do outro e do mundo.

Mundo e corpo relacionam-se, complementam-se, produzem saberes. A animação do corpo não é a junção aleatória de suas partes, mas sim, o complexo entrelaçamento entre os órgãos, a capacidade de desenvolver pensamentos e ações e o envolvimento extracorpóreo.

### 3. Revelações

O corpo humano após quarenta semanas de gestação está pronto para nascer. Neste movimento ondulatório, envolto por um ambiente líquido é expelido do calor úmido e agradável de sua placenta. A primeira respiração é um choro convulsivo. Sozinho, este novo ser é colocado num mundo perverso, com misérias, drogas, maldades, promiscuidades, desesperos e medos, sofre na carne as atrocidades de estar vivo, de ter sensações, raiva, angustias, inseguranças e necessidades. No decorrer da vida aprenderá que seus pensamentos causam dor, suas escolhas acarretam perdas, seus desejos nem sempre serão alcançados, sentir-se-á cansado, frustrado e incapacitado (GREINER, 2005).

Mas, nem tudo são mazelas, há o calor acolhedor dos braços maternos, o gosto adocicado do leite, os odores que emanam de corpos que se aproximam no aconchego de um abraço em suas primeiras experiências estéticas pós-parto. Suores, porosidades e epidermes se misturam. Mãe e filho, duas pessoas que formam apenas uma carne, um corpo em acolhimento, proteção, carinho e amor, visceralidades que se conjugam.

A vida, em seus limiares, movimentada ondas de sensações. É preciso ter forças para arrancar-se da cama, da cadeira, do chão e continuar a andar. Levantar-se. Cair. Recuperar-se. Persistir à busca dos desejos.

Problemas e dificuldades multiplicam-se a cada segundo, medos, temores e angústias são vividos na carne, é importante focar nas potências que levam ao crescimento sócio-humano-corporal. Nóbrega (2008, p. 147) com base nos estudos de Merleau-Ponty, afirma que somos “uma estrutura psicológica e histórica, um entrelaçamento do tempo natural, do tempo afetivo e do tempo histórico”, ao mesmo tempo, não há subdivisões orgânicas nem imagéticas, o sensível e o inteligível esposam-se no mundo fenomenológico. Imerso na fenomenologia de Merleau-Ponty pode-se destacar que o mundo dos fenômenos é o mundo dos sentidos, não formado por verdades, mas sim, por efeitos de verdade que compreende o corpo sensível na construção de saberes.

O corpo emana fluidos, geme, treme, sente dor, compõe-se de excrementos e vibrações, torna-se possibilidade de ação, interação e movimento, tudo que há são células que unem e alteram-se, átomos, energia. A liberdade se expressa pela transformação, se há dor pela perda há dor pelo nascimento. A experiência vivida é habitada por sentidos estéticos que passam pelo corpo.

*Corpus*: um corpo é uma coleção de peças, de pedaços, de membros, de zonas, de estados, de funções. Cabeças, mãos e cartilagens, queimaduras, suavidades, emissões, sono, digestão, horripilação, excitação, respirar, digerir, reproduzir-se, recuperar-se, saliva, coriza, torções, câibras e *grains de beauté*. É uma coleção de coleções, *corpus corporum*, cuja unidade resta uma questão para si própria. Mesmo a título de corpo sem órgãos, ele tem uma centena de órgãos, cada um dos quais puxa de um lado e desorganiza o todo que nunca mais chega a se totalizar. (NANCY, 2012, p. 51) [grifos do autor].

A experiência do corpo possibilita conhecer o mundo. A arte, por exemplo, apresenta-se, em algumas proposições, como potência disparadora de pensamentos e assume uma ação corpórea, visual, sonora, tátil, gustativa, e exhibe-se por cores, gestos, sons, suores, tremores, imagens, movimentos.

[...] A arte recente tem usado não apenas pintura a óleo, metal e pedra, mas também ar, brisa, luz, som, palavras, pessoas, comida e muitas outras coisas. Não há técnicas ou métodos de trabalho que possam garantir a aceitação do trabalho final como arte. Junto com a pintura, a fotografia também coexiste com o vídeo, com as instalações e com tipos variados de atividades como dar passeios, apertar as mãos, vender picolés, cultivar plantas. (SANTAELA, 2003, p. 326).

O mundo que concebemos é conhecido por nossa carne que ousa relacionar-se e interagir com a poeira que compõe o ar, a areia que forma o solo, a água que mata a sede e purifica a epiderme repleta de marcas e cicatrizes cotidianas. Têm-se um corpo que precisa ser cuidado, alimentado, apreciado, torna-se elo de contato com o mundo extracorpóreo, com outros corpos, outros tons, outros sons, repleto de nuances que tingem as emoções, a busca da estesia.

“A estesia é uma comunicação marcada pelos sentidos que a sensorialidade e a historicidade criam, numa síntese sempre provisória, numa dialética existencial que move o corpo humano em direção a outro” (NÓBREGA, 2008, p. 147). É a possibilidade de viver uma experiência que nos passa e nos transforma. Não se concebe, nesta dimensão, a divisão corpo e mente, razão e emoção, sensível e inteligível, há uma corporeidade que vive as experiências em sua plenitude. O ser em estado de anestesia, contrário a estesia, sente-se amortizado, indiferente, incapaz de ter ações e reações diante do que lhe causa dor, asco, tornando-se um mero executor de tarefas, reproduzidor de modelos, incapaz de viver experiências, engessando-se numa morbidez em vida.

O corpo é instável, mutável, um fluxo incontrolável. A estática lhe é insuportável, o sangue flui inexoravelmente carregando oxigênio e vida, alimentando-o de energia. Martins e Picosque (2012) apontam a perversa dicotomia das relações binárias que dividem o corpo e a mente, o sensível e o inteligível, fragmentam o pensar e o fazer. Cujo corpo, em sua integralidade torna-se esquecido, subsumido as normas, regras e padrões. Um corpo é encontro com outros corpos.

Péllbart (2003) pergunta: o que o corpo não aguenta mais? Será que há um limite de forças entre o encontro com a luz e os alimentos? O oxigênio? Os sons e as palavras? Os sofrimentos físicos e traumas psicológicos que se vivem no corpo?

[...] o corpo não aguenta mais o *adestramento* e a *disciplina*. Com isto, ele não suporta mais o sistema de martírio e narcose que primeiro o cristianismo e a medicina em seguida, elaboraram para lidar com a dor, um na sequência e no rastro do outro: culpabilização e patologização do sofrimento, insensibilização e negação do corpo. (PELBART, 2003, p. 72) [grifos do autor].



O corpo deseja a vida, as pulsões e as relações. O conhecimento sensível se expressa por batimentos cardíacos, secreções, tristezas, euforias. A emoção envolve movimentos, ações, manifestações corpóreas, transformações. Nem tudo o que o corpo sente pode ser significado, há sensações que não se traduzem em palavras, para conhecer é preciso viver e não apenas significar ou interpretar.

O mundo não está diante de nossos olhos como representação, mas como potência febril de acontecimentos. Para que haja percepção o corpo necessita estar em movimento, vivenciando incertezas, indeterminações em espaços-temporais, num *continuum* processo de comunicação entre o dado e o evocado. Para Merleau-Ponty o corpo não é um objeto de estudo das ciências positivistas, não é um feixe de ossos, músculos, sangue e carbono, não é uma rede de causas e efeitos, não é o suporte para uma alma ou invólucro da consciência, todas estas características são projeções que fazemos a *posteriori* em relação ao corpo (NÓBREGA, 2008).

O corpo próprio é a forma como interagimos no mundo, nosso modo fundamental de ser e estar no mundo, de nos relacionarmos com ele e ele conosco. Nosso primeiro contato com o mundo é sensível, e isto só é possível porque somos um corpo, porque compartilhamos corporalmente com o mundo, formamos uma mesma carne. A experiência motora do corpo antes de ser conhecimento é comunicação com o mundo. O corpo é uma potência de ações, cujas relações de coexistência com o mundo permitem reconhecer o ambiente que o circunda.

Merleau-Ponty destaca que o corpo vivencia um processo de simbiose em suas relações. Meu corpo próprio é um ser visível e vive junto a outros seres visíveis, mas, possui a peculiaridade de também ser vidente. Ao mesmo tempo em que é sonoro, pode-se fazer ouvir e ouve a si mesmo quando fala, quando me falam, sou sonoro a mim e aos outros (MERLEAU-PONTY, 1994).

Meu corpo possui a qualidade da reversibilidade, quando minha mão direita toca a mão esquerda há um processo de reflexão na intenção de compreender qual mão toca e qual é tocada. Meu corpo é tátil e tocante, ele vivencia de forma simultânea processos de relações entre ver e ser visto, tocar e ser tocado, ouvir e ser ouvido por si mesmo. O corpo comunica-se (MERLEAU-PONTY, 1992).

O corpo tem a possibilidade de se “dilatarse”, expandir seus limites de percepção e atuação para além do estabelecido pela anatomia, é pelo corpo, pelos sentidos, que temos o contato originário com o mundo, que podemos nos sentir parte dele, e nos comunicarmos tanto com ele quanto com os outros seres. É pelo corpo que estabelecemos relações com o mundo em sua complexidade, através dele que nos comunicamos. As relações humanas são intercorporais.

O corpo, como elemento primordial da existência e das relações humanas, na contemporaneidade, apresenta-se como uma manifestação das causas sociais, engajamento político, veículo de transferência e emissor de informação e dor, uma máquina desejanse que fere e pode ser ferida. Um corpo mostra-se como veículo de agenciamentos, relações e vivências, que espera, cuida, serve e ama.

[...] um corpo não cessa de ser submetido aos encontros, com a luz, o oxigênio, os alimentos, os sons e as palavras cortantes – um corpo é primeiramente encontro com outros corpos (PÉLBART, 2003, p. 72). É uma narrativa repleta de signos, marcas, uma causa social, um engajamento político, uma postura ética, valores morais, um veículo de informação, um receptáculo ativo de conhecimentos,

emissor de dor, uma máquina em transformações, que produz tanto excrementos como sensações. Um ponto de encontros e rupturas, invenções.

O corpo não deve interpretar, refletir pensamentos já pensados, reproduzir sentimentos catalogados, precisa ser desafiado, inventar outros pensamentos, agenciar desejos, compor novas verdades sempre provisórias. Construir realidades, perceber e viver o indigesto, abrir-se ao incomum, dispor-se a dor, ao deleite e ao prazer, apreender sensações.

O eu se revela enquanto dejetos, prurido, excreção, líquidos, gases, secreção, cicatrizes, ferimentos, corporeidade. Revelar-se como corpo é expor-se, deixar-se nu diante dos próprios olhos, reconhecer a si, perceber-se como integrante de um universo amplo, complexo e repleto de outros corpos.

Um corpo se revela, confessa suas limitações, seus medos, dificuldades e interesses. Torna-se uma página que pode ser lida, compreendida e analisada por seus gestos faciais, movimento do tronco, *tics* nervosos, piscadelas, forma de se portar diante das situações, sons da respiração e batimentos cardíacos, sinais que descrevem sentimentos íntimos e inquietações.

Durante toda a vida, através de nosso corpo, excretamos substâncias salinas no suor, no sangue, na saliva, no esperma, no muco, nas lágrimas. Evoca-se continuamente um universo marinho, quando o tema é o corpo. Esse universo o massageia continuamente com ondas que emanam odores e amores, disparam a vida e a morte, produzem movimentos e deslocamentos (GREINER, 2005). Vive-se múltiplos impulsos e limitações sociais e emocionais na própria carne, o corpo é o veículo de acesso, aprendizagem e contato com o universo extracorpóreo, é através do intermédio corporal que se produz aprendizagens, transforma-se o mundo e formam-se multiplicidades.

“O corpo muda de estado cada vez que percebe o mundo” (GREINER, 2005, p. 122). Merleau-Ponty afirma que a combinação de estímulos pode ocasionar sensações diferentes daquelas que os estímulos objetivos exigiriam, visto que o ser humano é sujeito e objeto do conhecimento e vivência sua experiência.

Este corpo que é corporeidade e sensibilidade une-se a árvore, torna-se seiva-fluxo, cuja epiderme em contato com a casca troca vibrações e fluídos, noutro instante o carro que se guia amplia sua vastidão corpórea é aço, fibra, borracha e tecido, a caneta que escreve vira dedos, articulações, mecanismos para marcar, registrar, extrair a nudez cega do papel, múltiplas ideias concretizam-se no suporte virginal. Um corpo que se metamorfoseia num abismo de desejos pulsátil, sensível aos fluxos ambientais, sente-se habitado por pássaros e o impulso de voar, por cobras que rastejam e sensibilizam-se com as deformidades da terra úmida, o musgo das rochas e a putrefação das folhas que intentam ser húmus, ganha força e galga montanhas com a perspicácia de um coioite. Este corpo existe apenas na relação com o outro, como diferença, no momento do encontro, ao pensar o que não é, mas pode vir a ser, o instante, a transformação, o devir.

O corpo não é mais ordem, nem carne, nem alma, tampouco construções tecnológicas feitas através da reestruturação orgânica (pontes de safena, corações biônicos, cirurgias plásticas), os corpos são ressonantes, não é a prisão da alma, não se reduz a um amontoado de órgãos, ossos, sangue, cartilagem, aprisionador de desejos e intenções para servir e adequar-se a uma estrutura social.

E este corpo? Como age, reage e se apresenta? Meira (2007) ao citar Jorge Luis Borges fala do corpo como a possibilidade de mobilizar o pensamento, de inventar outras formas para relacionar-se, visto que existir depende da relação que se estabelece junto ao outro em potência e desejo, em suas palavras:

Jorge Luís Borges diz que o olho é redondo para que possa rolar na cavidade do crânio e dar ao pensamento a mobilidade que ele não tem. O olhar faz o pensamento dançar, dá gingado ao corpo, tanto quanto o faz o ouvir e o tocar, na medida em que as mãos produzem plasticidade, fazendo do gesto um ato criador, e das imagens, registros e marcas que mostram como é esse corpo ao erotizar suas práticas e relações. (MEIRA, 2007, p. 19).

Greiner (2005) destaca que o corpo não é hegemônico, nem deve ser visto de forma dual corpo/alma, natureza/cultura, corpo orgânico/corpo cultural, e sim percebido como um sistema e não um instrumento ou produto exterior.

O corpo é algo quase impossível de se dizer, incorre-se sempre numa escrita provisória, visto que é mutação, se mostra como objeto de constantes questionamentos, investigações e olhares divergentes, não consegue ser aprisionado em teorias, catalogado e desmembrado pela medicina. Um corpo é pulsão, biologia, desejo, transformação, sexuado, impulsivo, comedido, falante, comunicativo.

O imperativo contemporâneo cria a necessidade de desvendar a matéria de que nosso corpo é feito, compreender suas partes, seus fragmentos e potencialidades. O corpo remodelado, desmantelado, permite uma compreensão do organismo humano e sua reinvenção através de múltiplas tecnologias, todavia, ainda não se desvelou o milagre da vida. O corpo aberto, dissecado, cadavérico, na mesa de autópsia, mostra-se como válvula que faz escorrer saberes, conhecimentos e aprendizagens.

Há um diálogo seminal entre sensível e inteligível, quando um é afetado e prejudicado o outro, imediatamente, responde a estas vibrações externas. Para Merleau-Ponty (2004) o corpo é o substrato de nosso ser, não estamos nem temos um corpo, somos um corpo e este é o ponto de vista que se tem sobre o mundo, através dele que tecemos a rede de significados vivos e significações vividas. É através de nosso corpo que nos colocamos no mundo e nos relacionamos, “nosso corpo é para nós o espelho de nosso ser” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 236), onde nos revelamos a nós e aos outros, expondo impressões, sensações, sentimentos, valores e emoções.

O corpo produz uma unidade indivisa entre ele e o mundo das coisas físicas, numa relação de intercorporalidade que ocorre através das experiências, corpo e mundo se criam e recriam. O corpo é a morada visível para a alma invisível. Dentro desta perspectiva a compreensão do corpo ocorre pela experiência vivida, onde cada sujeito é protagonista de sua vivência corpórea.

#### 4. Entrelaçamentos

Falar sobre o corpo humano e seus nuances é uma ação desafiadora e, ao mesmo tempo, instigante. Perscrutar o olhar sobre algumas teorias, sentir o corpo como pulsão de vida, invólucro de sensações, campo vasto da percepção, espaço de relações que não admite ser subdividido entre sensível e inteligível, sendo carne, sangue, suor, vida e excrementos. Têm nos estudos de Merleau-Ponty, potência que o faz ser visto de forma ampliada, cujas relações se entrecruzam no olhar, no sensível e na percepção.

Essa escrita, apresentou algumas aproximações e justaposições teóricas dos estudos deste filósofo relacionando-o a arte do século XXI que abre o corpo, o coloca em evidência e exposição. Os corpos se relacionam, emanam partículas que se deslocam entre corpos, perdem células mortas que se renovam continuamente, alongam-se e experimentam simbioses com o mundo físico em contínuo processo de transformação.

Privilegia-se a experimentação, as intensidades, as transformações na própria carne. A percepção conjuga o ato de ver, ser visto e sentir, emite forças, produz movimentos e os acontecimentos sucedem, cria relações que vão além do fato vivido, experimentado, produz ecos, interage com as partículas gasosas do ar, transforma o espaço que habita ao mesmo tempo em que se transforma.

E a arte, que recebe de empréstimo o corpo e a força vital do artista, possui vida, mostra-se como um plano coletivo de indagações, produz encontros do corpo com a tela, a dança, a performance, as intervenções que valem-se apenas de corpos em movimentos e relações. Produz deslocamentos, demove a acomodação e a estática que leva o corpo a viver na segurança, no lugar comum, inebriado pela reprodução dos gestos. A arte leva ao riso, ao uso de múltiplas linguagens, a liberdade de experimentar diferentes estilos, romper com o modelo único, fomentar novos encontros corpóreos.

A arte se misturou ao corpo e se perdeu no espaço cotidiano, produz paradoxos, olhares divergentes, transformações. Neste íterim, há desdobramentos no olhar, aprender a ver, ver novamente, vivenciar o visto, experimentar sensações e transformar a vida. A arte nasce da imprecisão da vista, ver é escolher, é delimitar, configurar, ver é um gesto artístico, o que se vê envolve a capacidade de olhar, absorver, contemplar, tornar o ser humano apto a criar.

Um corpo não é sólido nem líquido, nem pura cognição tampouco sensação. Um entremeio, ossos, músculos, nervos, ligamentos, células, fluxos, virado pelo avesso, crescendo, movimentando-se, atrofiando-se, produzindo verdades/inverdades sempre provisórias, saberes e poderes reverberantes de sensações e cognições. O corpo é inquieto, sensível, transformável e reverberante.

## Referências:

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 42ª ed. Petrópolis: RJ, Vozes, 2014.

GREINER, Christine. **O corpo**: pistas para estudos indisciplinados. São Paulo: Annablume, 2005.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa. **Mediação Cultural para Professores Andarilhos na Cultura**. 2ª ed. São Paulo: Intermeios, 2012.

MEIRA, Marly Ribeiro. **Filosofia da Criação**: reflexões sobre o sentido do sensível. Porto Alegre: Mediação, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de Artur Gianotti e Armando Mora. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.

NANCY, Jean-Luc. 58 Índícios sobre o Corpo. **Revista da UFMG**. Belo Horizonte, v.19, n.1 e 2, p.42-57, jan./dez. 2012. Disponível em: [https://www.ufmg.br/revistaufmg/pdf/REVISTA\\_19\\_web\\_42-57.pdf](https://www.ufmg.br/revistaufmg/pdf/REVISTA_19_web_42-57.pdf). Acesso em: 20.agosto.2021.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. In: **Estudos de Psicologia**, 2008, 13(2), p. 141-148. Versão digital disponível in: [www.scielo.br/epsic](http://www.scielo.br/epsic).

PELBART, Peter Pál. Corpo do Informe. In: GREINER, Christine; AMORIM; Claudia (org.). **Leituras do Corpo**. São Paulo: Annablume, 2003. p. 67-76.

SANTAELLA, Lúcia. **Culturas e artes do Pós-humano**: da cultura das mídias à cibercultura. São Paulo: Paulus, 2003.

Recebido em 12/05/2021 - Aprovado em 21/09/2021

Como citar:

HENCKE, J. Revelações do corpo: possibilidades de uma experiência estética. *ouvirOUver*, [S. l.], v. 18, n. 1, p. 054-067, jan./jun. 2022. DOI: 10.14393/OUV-v18n1a2022-61023.

ouvirouver ■ Uberlândia v. 18 n. 1 p. 054-067 jan. | jul. 2022



A revista ouvirOUver está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.